

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS

A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



**EDITORA
ARTEMIS
2021**

2021 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2021 Os autores
Copyright da Edição © 2021 Editora Artemis



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Patricia Vasconcelos Almeida

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol IV / Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-27-9

DOI 10.37572/EdArt_290121279

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Almeida, Patricia Vasconcelos II. Vieira, Mauriceia Silva de Paula.

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



2021

APRESENTAÇÃO

O volume 4 do livro **“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”** se constitui a partir da seleção e organização de trabalhos que envolvem processos de ensino da língua, questões sobre formação docente dos profissionais do ensino de língua e considerações diversas sobre a grande área de estudos que a Linguagem. Entrecortado por questões teórico-práticas que envolvem majoritariamente o ensino presencial, mas que também transita entre o ensino virtual e/ou híbrido, dando destaque aos letramentos que se fazem necessários para utilização das mídias digitais no contexto educacional, este volume oferece ao leitor oportunidades de repensar teorias e práticas pedagógicas. Considerando não somente o contexto de ensino da língua portuguesa, esta obra dá lugar também à língua brasileira de sinais, a língua crioula cabo-verdiana, bem como à outras manifestações da linguagem, tais como: arte, cinema e literatura. Respeitando diversos contextos sociais, históricos e culturais, alguns dos trabalhos se desdobram em compreender as razões que determinam ou influenciam manifestações linguísticas, construções morfossintáticas no campo da medicina e construções fonológicas do português brasileiro, bem como a importância da hermenêutica na linguagem jurídica. Toda essa diversidade de temáticas só vem a enaltecer a abrangência da área dos estudos da linguagem e ressaltar sua importância para academia.

Patricia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira

SUMÁRIO

PARTE 1: PROCESSOS DE ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

CAPÍTULO 1..... 1

RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DO SABER CIENTÍFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO EM BUSCA DA EXCELÊNCIA.

Eugénia Emília Sacala Kosi
Pedro Ângelo da Costa Pereira

DOI 10.37572/EdArt_2901212791

CAPÍTULO 2..... 14

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS E DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CONCEPÇÃO DOS MULTILETRAMENTOS E DISCURSOS MULTIMODAIS

Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa

DOI 10.37572/EdArt_2901212792

CAPÍTULO 3.....25

BANQUETE “ROMEU E JULIETA”: UMA EXPERIÊNCIA ESTESIOLOGICA COM TEATRO E GASTRONOMIA

Fernanda Silva Zaidan
Raimundo Nonato Assunção Viana

DOI 10.37572/EdArt_2901212793

CAPÍTULO 438

PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE VIA AMPLIAÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPO DE PANDEMIA: CONCEITOS, EXPERIÊNCIA E AVANÇOS

Cleonice Maria Cruz de Oliveira
Marlon Teixeira de Faria

DOI 10.37572/EdArt_2901212794

CAPÍTULO 5.....53

MEDIATIZACIÓN, NARRATIVIDAD Y PROCESOS EDUCATIVOS

Federico Buján

DOI 10.37572/EdArt_2901212795

CAPÍTULO 662

ESCREVER SOBRE ENSINO DE LEITURA: ANÁLISE DE DOCUMENTOS OFICIAIS

Alba Helena Fernandes Caldas
Cibele Moreira Monteiro Rosa

DOI 10.37572/EdArt_2901212796

CAPÍTULO 7..... 74

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE DIGITAL

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212797

CAPÍTULO 8.....86

A SEMIÓTICA E AS INTERFACES DO MULTILINGUISTO: OS SOFTWARES *HAGÁQUÊ* E *AUDACITY* - PODCAST NO ENSINO CONTEMPORÂNEO

[Joelma Monteiro de Carvalho](#)

[Clisivânia Duarte de Souza](#)

[Waldemir Lima de Carvalho](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212798

PARTE 2: A LINGUAGEM E SUAS NUANCES

CAPÍTULO 996

ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM, CLASSIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS RADIOFÔNICOS

[Geane Cássia Alves Sena](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212799

CAPÍTULO 10.....110

DO DIÁRIO AO FACEBOOK: ITINERÁRIOS DA ESCRITA ÍNTIMA

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127910

CAPÍTULO 11..... 123

EM RETALHOS DE MISSIVAS, A TESSITURA DE UMA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA: “... VENHA VER, COMER, BEBER E RESPIRAR NORDESTE ...”

[Cristiane Maria Praxedes de Souza Nóbrega](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127911

CAPÍTULO 12..... 138

METÁFORAS EM LIBRAS

[Walkiria Neiva Praça](#)

[Adriana Dias Sambranel de Araujo](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127912

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 13 | 151 |
| LA SINGULAR RELACIÓN YO-TÚ COMO SUPUESTO DE LA EXPERIENCIA HERMENÉUTICA | |
| Saúl Mauricio Niveyro Linares | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127913 | |
| CAPÍTULO 14 | 165 |
| NOVAS FORMAÇÕES COM <i>BIO- E -ÍVORO</i> EM PORTUGUÊS | |
| Maria do Céu Caetano | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127914 | |
| CAPÍTULO 15 | 175 |
| APLICAÇÕES E RESULTADOS PRÁTICOS DE UM ALGORITMO FONOLÓGICO-PROSÓDICO-SILÁBICO PARA PORTUGUÊS BRASILEIRO | |
| Vera Vasilévski | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127915 | |
| CAPÍTULO 16 | 192 |
| UM ESTUDO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DOS FORMATIVOS DE UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS DO VOCABULÁRIO DA MEDICINA | |
| Bruna Moreira de Souza | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127916 | |
| CAPÍTULO 17 | 205 |
| DA REFERENCIAÇÃO À REFERENCIAÇÃO SEMIOTIZADA: UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA | |
| Lícia Maria Bahia Heine | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127917 | |
| CAPÍTULO 18 | 225 |
| ASCENSÃO DO CRIOULO CABO-VERDIANO: <i>ESCOLHAS E/OU RESISTÊNCIA</i> | |
| Ivonete da Silva Santos | |
| Maria Helena de Paula | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127918 | |
| CAPÍTULO 19 | 240 |
| PETIÇÕES INICIAIS CRIMINAIS: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA | |
| Magno Santos Batista | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127919 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 20 | 253 |
| NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX | |
| Luma Pinheiro Dias | |
| Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz | |
| DOI 10.37572/EdArt_29012127920 | |
| SOBRE AS ORGANIZADORAS | 264 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 265 |

CAPÍTULO 17

DA REFERENCIAÇÃO À REFERENCIAÇÃO SEMIOTIZADA: UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA

Data de submissão: 19/12/2020

Data de aceite: 04/01/2021

Lícia Maria Bahia Heine

Instituto de Letras da
Universidade Federal da Bahia
Salvador-Bahia

<http://lattes.cnpq.br/4570828947355081>

RESUMO: As reflexões ligadas ao enfoque da *referenciação à referenciação semiotizada* representam um avanço da Linguística Textual (LT), visto que transcendem o *erro clássico da linguística textual* (HEINE, 2019, p. 99), entendido como a exclusão, desde a análise transfrástica até a sociocognitiva interacionista (KOCH, 2004), dos signos não verbais no processo de referenciação. Embora já existam trabalhos voltados para os signos não verbais, não há nenhuma pesquisa que os categorize, objetivamente, como anáforas ou âncoras textuais semiotizadas. Nos primeiros anos do século XX, a LT dá sinais de um novo momento, considerando que o seu objeto de estudo – o texto, vem se metamorfoseando face à linguagem sincrética, principalmente. Diante desse cenário, a autora propõe a Fase Bakhtiniana

(HEINE, 2018) – que, apoiada em alguns dos pressupostos bakhtinianos, sugere a ampliação da noção de referenciação (MONDADA; DUBOIS, 2003), denominando-a “referenciação semiotizada”. As primeiras análises, pautadas, sobretudo, nos seus livros clássicos e em textos oriundos da internet, demonstram um pendor para o trabalho com os signos verbais. Daí, a nossa proposta de uma referenciação semiotizada, pautada na acepção de texto como evento dialógico, semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (HEINE, 2018).

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Referenciação semiotizada; Texto.

FROM REFERENCE TO SEMIOTIZED REFERENCE: A BAKHTINIAN APPROACH

ABSTRACT: The reflexions about the reference including now the semiotic reference represents another step in the advance of Text Linguistics, since it goes beyond the *classical mistake* in this area (HEINE, 2017), when the non verbal signs were not considered at all in the previous phases until the socio-cognitivist interactionist phase (KOCH, 2004). Although there are some articles that consider the non verbal signs, there is not any categorization considering

them anaphors or semiotic textual anchors. In the beginning of the xx century, a new moment comes up, considering that the text – the focus of the text linguistics – has undergone a lot of changes, mainly facing the global language. Taking these facts into consideration, the author of this article proposes the expansion of the concept of reference (MONDADA; DUBOIS, 2003), based on Bakhtinian principles, calling it “semiotic reference”. Most of the first analysis, related to classic books and internet texts seem to contemplate the verbal language. That is why this proposal of a semiotic reference defines the text as a social event that considers not only the verbal language but any other one.

KEYWORDS: Dialogism; Semiotized referencing; Text.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo está constituído por uma introdução, duas seções e pelas considerações finais. Nesta introdução, apresentam-se sucintamente o surgimento da LT, pondo, inicialmente, um contraponto sutil com o formalismo linguístico, para, em seguida, focalizar as fases ortodoxas da LT. Na primeira seção, apresentam-se duas subseções: “Da virada cognitiva ao sociocognitivismo-interacionista: aspectos gerais” e “Aspectos sobre o sociocognitivismo-interacionista: espaço para novas reflexões” que têm por meta destacar alguns dos passos que conduziram a LT ao sociocognitivismo-interacionista (KOCH, 2004). Na segunda seção, “Considerações sobre a referenciação semiotizada: uma abordagem bakhtiniana”, objetiva-se trazer à baila a necessidade de a LT ascender para outra fase, tendo em vista que o seu objeto de estudo, o texto, encontra-se metamorfoseando face à sua ocorrência nas práticas sociais, sugerindo a ampliação da noção de referenciação para referenciação semiomiotizada. Por fim, nas considerações finais, procura-se retomar as ideias refletidas no artigo, registrando que o devir científico é fulcral ao desenvolvimento das ciências como um todo.

A LT surgiu na década de 1960 (séc. XX), na Alemanha, em um momento no qual o paradigma formal da linguagem deixava de responder a várias inquições. Dentre essas questões, ilustram-se: os pragmaticistas questionavam por que Saussure se debruçou às estruturas linguísticas, excluindo o indivíduo dos estudos linguísticos; os pesquisadores da Análise de Discurso (AD), em seu sentido geral, bem como os da Pragmática perguntavam: por que o sentido provém da imanência do sistema linguístico? E os neófitos da LT questionavam o fato de a ciência da linguística ter como objeto de estudo a *langue*, como postulava Saussure, ou a competência linguística, de Chomsky (1965), arguindo que a linguística devia voltar-se para o estudo do texto como seu objeto de investigação linguística.

Tradicionalmente, as pesquisas da LT centram-se em três fases: análise transfrástica (em que se examinam as relações interfrásticas); a construção de gramáticas de textos (período de reflexão cujo objetivo consistia em elaborar regras gramaticais que dessem conta de todo e qualquer texto); e a construção das teorias textuais (fase em que o contexto pragmático ganha relevância para a compreensão do texto). E é a partir dessa última fase que a LT considera o sujeito nas suas pesquisas, um sujeito que é livre, individual e origem do dizer; momento substantivo uma vez que essa versão textual “[...] propõe-se a investigar a constituição, o funcionamento, a produção e a compreensão dos textos em uso” (BENTES, 2001, p. 251).

Considerando essas fases, faz-se mister pôr em foco a noção de referência, recurso fulcral da coesão textual, que possibilita a progressão das informações efetivadas entre os seus elementos textuais. Nas suas duas primeiras fases, a noção de referência está centrada no cotexto, isto é, o texto enquanto produto.

Quanto à teoria do texto, revestida da pragmática, era de se esperar que os seus pesquisadores propusessem uma noção de referência compatível com o seu aparato teórico, porém, a sua análise sobretudo ligada aos processos de coesão textual ainda limita-se à proposta de Halliday e Hasan (1976), para os quais a coesão textual se atém a processos de decodificação. Assim, apesar de ter valorizado o entorno extralinguístico, apesar de ter transcendido ao cotexto, pautando-se em uma coerência textual, centrada em diversos fatores (linguísticos, cognitivos, sociocognitivos, interacionais), tem-se, nas suas análises, uma relação prioritariamente entre unidades linguísticas e o seu referente, ou melhor dizendo, uma relação de coesão textual endofórica (HALLIDAY; HASAN, 1976), que envolve, na tradição, um elemento materializado na superfície textual, considerando seu referente, e outro elemento que tem a função precípua de retomá-lo, entendido como anáfora. Dessa forma, percebe-se que a LT estava em busca de uma abordagem efetivamente discursiva, no entanto, ainda apresentava resquícios do formalismo linguístico e esse olhar era pouco visto pela maioria dos textualistas. Com isso, não se exclui o grande mérito da referida fase, que revolucionou a camisa de força da Linguística Formal. No exemplo a seguir, pautado em Halliday e Hasan (1976), destaca-se o pronome “ela”, com a função de anafórico, pois retoma o seu referente, “carne de porco”, para processar a tessitura textual. Considere-o abaixo:

INF1 -- Agora, **carne de porco** eu tenho muito medo de... (risos). Eu acho **ela** um perigo. É uma carne que eu tenho medo de comer mesmo... (D2 SSA 204)

Contudo, no final do século XX, observam-se sinais de que a LT estaria caminhando para novos momentos – a perspectiva sociocognitivo-interacionista de Koch (2004), e a Fase Bakhtiniana que vem sendo proposta por Heine desde 2012, aproximadamente.

Quanto aos estudos de Koch (2004), destaca-se a noção de referenciação, pautada em Mondada e Dubois (1995), dentre outras questões que apresentam um avanço significativo em relação à clássica análise textual, referendando, inclusive, a referenciação como atividade discursiva. No entanto, percebe-se que, em muitos exemplos, as suas análises pautadas na referenciação ainda são vistas sob a ótica do código linguístico *stricto sensu*, mesmo diante de um texto semiótico, postura que pode silenciar as imagens, os gestos e expressões faciais. Esse pendor para a materialidade linguística pode, para alguns pesquisadores, ser visto como uma simples opção da referida linguista sem comprometer o enfoque teórico da LT, mas, para outros, talvez seja interpretado até como um tênue liame com o formalismo linguístico, podendo ser responsável pelas tradicionais concepções de texto centradas na materialidade linguística, que processam a dicotomia entre a materialidade linguística e os signos não verbais, possibilitando não considerá-los entidades constitutivas do texto, conseqüentemente, excluindo-os do processo de referenciação. O legado substantivo deixado por Koch abre espaço para que se amplie o escopo teórico da LT. No que se refere à proposta de Heine, apoia-se em algumas reflexões bakhtinianas, ressaltando que, embora a literatura vigente da LT tenha incorporado concepções inerentes ao lastro teórico bakhtiniano, as suas análises parecem não apresentar implicações resultantes desse alicerce bakhtiniano, que, direta ou indiretamente, vem imprimindo uma ressignificação substantiva nos seus pilares básicos a ponto de dar respaldo teórico ao surgimento de um novo momento. Dentre essas questões, tem-se, como ponto de partida, uma concepção de texto que possibilite analisar os signos semióticos no processo textual, conseqüentemente, ampliando a noção de referenciação para referenciação semiotizada. A seguir, focalizam-se: “Da virada cognitiva ao sociocognitivismo-interacionista: aspectos gerais”; “Aspectos sobre o sociocognitivismo-interacionista: espaço para novas reflexões”, e as “Considerações sobre a referenciação semiotizada: uma abordagem bakhtiniana”.

2. DA VIRADA COGNITIVA AO SOCIOCOGNITIVO-INTERACIONISTA: ASPECTOS GERAIS

Partindo do entendimento de que o sociocognitivo-interacionista desenvolveu-se, dentre outros, a partir das reflexões dos processos de ordem cognitiva, antes de abordá-lo, focaliza-se, a seguir, sucintamente, as questões da denominada “Virada Cognitiva”, postulada por Koch (2004).

De acordo com Neiva (2015, p. 21), na década de 1980, tem-se “a conscientização de que as ações são governadas por processos mentais”. Assim, os processos de origem

cognitiva ganham espaço entendendo que “[...] todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitiva, de que quem age precisa dispor de modelos mentais de operações e tipos de operações” (KOCH, 2008, p. 16). Assim sendo, o texto é compreendido como:

[...] resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso (KOCH, 2004, p. 21).

Consoante Koch e Cunha-Lima (2004, p. 293), os conhecimentos procedurais são aqueles relacionados a “como fazer”, ou seja, ao processo pelo qual as ações são levadas a cabo. Pautados nesses conhecimentos, os parceiros da comunicação possuem saberes armazenados na memória, que são ativados no momento da compreensão textual, dentre outras ações sociais. Nesse sentido, “entender o texto é inferir numa relação de vários conhecimentos”, “entender é produzir sentidos e não extrair conteúdos prontos” (MARCUSCHI, 2003, p. 2). Entre os temas circunscritos a essa nova vertente, destaca-se inicialmente o conceito de texto, pautado sobremaneira nos aspectos cognitivos, de Beaugrande e Dressler (1981 apud KOCH, 2004, p. 22): “[...] o texto é originado por uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas, “um documento de procedimentos de decisão, seleção e combinação”. Koch (2004, p. 22) registra que:

[...] caberia à Linguística Textual desenvolver modelos procedurais de descrição textual, capazes de dar conta dos processos cognitivos que permitem a integração dos diversos sistemas de conhecimento dos parceiros da comunicação, na descrição e na descoberta de procedimentos para sua atualização e tratamento no quadro das motivações e estratégias de produção e compreensão de textos [...].

Menciona-se também a contribuição singular de Heinemann e Viehweger (1991 apud KOCH, 2004, p. 21), ligada ao processamento textual que envolve quatro sistemas de conhecimento: o linguístico (conhecimentos gramatical e lexical); o enciclopédico (compreende as informações armazenadas na memória de cada indivíduo); o sociointeracional (conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de interação através da linguagem que engloba também os atos ilocucionais); e, por último, o conhecimento ligado aos modelos textuais globais (possibilita reconhecer textos enquanto gênero ou tipo textual).

Assim pautada, a LT deu uma guinada de 180 graus, pondo em foco questões voltadas para o processamento textual a partir de esquemas cognitivos, recorrendo, sobretudo, ao conhecimento enciclopédico e ao conhecimento ligado aos modelos mentais que compreendem as informações armazenadas na memória de cada indivíduo.

Koch, após tecer explicações sobre a virada cognitivista, abre espaço para novas reflexões, instaurando o momento do sociocognitivo-interacionista, que passa a focalizar, de modo sistemático, questões interativas a partir da aceção de que a linguagem é um tipo de ação conjunto.

3. ASPECTOS SOBRE O SOCIOCOGNITIVO-INTERACIONISTA: ESPAÇO PARA NOVAS REFLEXÕES

Conforme Koch (2015, p. 41), “não tardou que a separação entre exterioridade e interioridade, presente nas ciências cognitivas clássicas se visse questionada, pela separação que opera entre fenômenos mentais e sociais”. Faz-se mister informar que essas ciências surgiram, em torno dos anos 1950, como reação ao behaviorismo, corrente filosófica, cujas primeiras ideias brotaram no século XVI, voltando-se “a estudar o ser humano exclusivamente partindo de suas reações a determinados estímulos, ou seja, partindo do comportamento extremamente observável e mensurável [...]” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 252).

As referidas ciências cognitivas, embora tenham galgado espaço significativo em diversas áreas do saber, chegando inclusive a influenciar outras ciências, o seu sustentáculo teórico começou a ser questionado em função de elas “ignorem qualquer aspecto social da linguagem e da cognição, de uma forma geral” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 253). Questionamentos que levaram os pesquisadores de diversas áreas das ciências (neurobiologia, antropologia, linguística) a investigar com mais vigor a relação mente e corpo, o que possibilitou a abertura de caminhos que permitiram a inclusão de aspectos exteriores para a compreensão dos processos cognitivos.

A partir desse novo cenário, pesquisadores passaram a adotar uma nova concepção acerca da cognição, atrelando-a a fatores “externos”, tais como sociedade, cultura, história, dentre outros, e não apenas considerá-la como uma atividade interna, individual e encapsulada na mente dos indivíduos, uma caixa preta (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 252). Nas palavras de Mondada (2002 apud ALVES, 2005, p. 52), a cognição é vista como “um conjunto de práticas sociais publicamente desdobradas em ações em contexto por e para seus participantes, não residindo unicamente nos indivíduos, mas muito mais na coletividade, e até mesmo distribuída nos artefatos, e sendo fortemente encarnada nas condutas corporais”.

O momento sociocognitivo-interacionista veio para superar as limitações das ciências cognitivas clássicas principalmente por não endossar o seu olhar preocupado com aspectos inatos, mentais e individuais, postura teórica que concebe a radical

separação entre mente e corpo etc. Dentre os seus principais avanços, destacam-se, a seguir, algumas das suas questões.

Koch (2015, p. 42), pautada nesse cenário, deixa claro que “a cognição é um fenômeno situado. Ou seja, não é simples traçar o ponto exato em que a cognição está dentro ou fora das mentes, pois o que existe aí é uma inter-relação complexa”. Frisa, ainda, que, a partir de Clark (1996 apud KOCH, 2015, p. 42), “a língua é um tipo de ação conjunta”. Portanto, “[...] usar a linguagem é sempre engajar-se em alguma ação em que ela é o próprio lugar onde a ação acontece, necessariamente em coordenação com os outros” (KOCH, 2015, p. 43).

Outra questão fundamental, refere-se à concepção de língua:

[...] na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente, com base *nos elementos linguísticos presentes na superfície textual* e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução – e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal (KOCH, 2015, p. 44, grifo nosso).

Nesse conceito de língua, embora haja referência à concepção interacional e aos conhecimentos enciclopédicos, destaca-se apenas a presença do sujeito social, visto que se trata de um elemento novo, tendo se instaurado, na LT, exclusivamente a partir da transição entre os séculos XX e XXI, arcabouço teórico que nega o sujeito pragmático da teoria do texto, que é individual, unilateral, não detendo, talvez, o traço interacional. As críticas do texto a seguir podem contribuir para melhor compreensão dessa posição do sociocognitivismo-interacionista.

Seguindo essa perspectiva da não consideração do sujeito pragmático, a Teoria dos Atos de Fala (John Austin, 2001), bem como a de John Searle (1969) e a Análise da Conversação (Paul Grice, 1968), centradas em uma perspectiva da filosofia pragmática ortodoxa, não se enquadram nos princípios básicos do momento sociocognitivista-interacionista, pois “a sua abordagem tem falhado em tratar a linguagem como um tipo de ação conjunta e também tem deixado de lado sua dimensão situada” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 281). A compreensão dessa crítica pode trazer alguma dificuldade, pelo fato de a Pragmática ter como seu carro chefe o conceito de linguagem como ação, mas não uma ação conjunta. Por isso, as referidas linhas de pesquisas tendem “[...] a igualar o sentido de uma sentença ou texto com o sentido intencionado pelo locutor da sentença (ou o autor do texto), colocando a intenção do autor no centro de toda a

atividade interpretativa. O papel do locutor seria, então, expressar corretamente suas intenções” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 281), postura que não se coaduna com os princípios teóricos do sociocognitivismo-interacionista, na medida em que defende a tese de que “[...] as ações verbais são ações conjuntas” (KOCH, 2015, p. 43).

Consoante ainda com a citação anteriormente mencionada, apresenta-se uma reflexão sobre o conceito de texto que, similar à acepção de língua, mantém a presença de elementos linguísticos na superfície textual. Nesse caso, embora os elementos linguísticos sejam uma realidade na produção textual, esse enfoque pode levar à interpretação de que os signos não verbais não são elementos constitutivos do texto, conduzindo talvez à dicotomia signos verbais e signos não verbais, tão presente na tradição dos livros didáticos de Língua Portuguesa.

Por fim, outra questão que merece também destaque é a concepção da referenciação que, na década de 1990, foi incorporada aos estudos da LT, substituindo o conceito de referência, que preconiza uma relação de correspondência direta entre as palavras e as coisas apriorísticas ao discurso, postulando a metáfora do espelho, que considera a língua como uma representação da realidade. Mondada e Dubois (2003) defendem uma referência distinta daquela que estabelece como seu princípio básico uma relação direta, biunívoca, entre uma entidade linguística e o objeto do mundo a ela correspondente. Refutam a tese de que a linguagem seja vista como um sistema de etiquetas que se prendem às coisas, em prol da noção de referenciação, entendida como “uma negociação discursiva, produzida por um complexo de interação entre os sujeitos envolvidos nas atividades enunciativas” (LEITE; MARTINS, 2013, p. 47). Então, rejeita-se a concepção de referente, fenômeno teórico vinculado à noção clássica de referência, em defesa da concepção de “objetos de discurso”, interpretados como entidades de referenciação discursiva, dependentes das operações cognitivas, das atividades verbais ou não e das negociações de interação (MONDADA; DUBOIS, 1995). Dentre as suas principais características, menciona-se:

A instabilidade das categorias está ligada a suas ocorrências, uma vez que elas estão situadas em práticas: práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de *atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas*; práticas do sujeito ou interações em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 29, grifo nosso).

Assim sendo, Mondada e Dubois (1995) consideram a instabilidade presente nas práticas sociais, munidas de signos semióticos, deixando claro que trabalham não somente com os signos verbais, mas também com os não verbais. Embora Koch (2004) e Marcuschi (2008) tenham seguido, de um modo geral, os pressupostos teóricos

inerentes à referenciação, parece não haver, nas suas análises, signos semióticos não verbais, exercendo a função de anáforas, por exemplo. Com isso, não se quer dizer que Koch exclui os signos não verbais do processo da coerência textual, porém faltou categorizá-los em termos de referenciação semiotizada, identificando-os como anáforas, âncoras textuais semiotizados etc. A citação a seguir demonstra o pendore da LT para a valorização dos signos verbais enquanto elementos da referenciação:

A referenciação constitui, portanto, *uma atividade discursiva*. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o *material linguístico* que tem à sua disposição, e procede a escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com a sua proposta de sentido. Isto é, as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, em função de um querer-dizer. (KOCH, 2006, p. 124, grifo nosso).

Ressaltamos, ainda, outros avanços desse momento da LT: o olhar para a língua falada, proporcionado pelos estudos dos gêneros discursivos; a ampliação da noção de contexto, passando a abranger não apenas a situação comunicativa, mas também o entorno sócio-histórico-cultural (KOCH, 2015); O uso da anáfora no português oral (HEINE, 2001), que extrapola a compreensão anafórica clássica, pautada em Halliday e Hasan (1976) e outros.

Contudo, apesar da importância inquestionável do trabalho de Koch, o caráter sociocognitivo-interacionista da LT deixa, de um modo geral, espaço para novas reflexões no que tange à concepção de texto que, na tradição, parece omitir a camada histórico-ideológica, bem como os signos semióticos não verbais, gerando a ideia de não considerá-los elementos constitutivos do texto.

Trata-se de uma assertiva que merece explicações, visto que há, desde a fase Teoria do texto, pesquisas da LT que não dialogam apenas com o código linguístico, mas também com a atividade comunicativa, envolvendo sobretudo interações sociais, conseqüentemente a valorização do contexto extralinguístico. É possível, pois, asseverar que a LT deu passos largos em relação ao enfoque limitado à materialidade linguística, porém, não se enxergam, nas suas análises principalmente ligadas aos processos de coesão textual, as diferentes semioses manifestadas nas materialidades imagéticas. Entretanto, nas primeiras décadas do século XXI, encontram-se trabalhos voltados à valorização dos signos não verbais no processamento textual, mas não há um posicionamento teórico que defina com objetividade a função que os mesmos deverão exercer no texto.

Passa-se, a seguir, a tecer reflexões sobre a referenciação semiotizada.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE A REFERENCIAÇÃO SEMIOTIZADA: UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA

Inicialmente, apoiamo-nos no tratamento que os livros didáticos vêm dando à concepção de texto. Em alguns deles, percebemos que os seus autores dicotomizam signos não verbais dos signos verbais, o que revela o modo como tais manuais concebem o texto enquanto código linguístico, excluindo os elementos não verbais como constitutivos do texto. Talvez o porquê desse posicionamento seja o fato de a linguística, bem como a LT, na sua tradição, não os ter contemplado nas suas análises. Essa assertiva pode ser explicada através de Marcuschi (2003) que, ao asseverar que a LT tem a retórica clássica como seu precursor *lato sensu*, discorre sobre as cinco partes para construção do discurso: *inventio* (a descoberta dos argumentos que sustentarão o discurso); *dispositio* (ordenação do texto com foco na sua ordenação); *elocutio* (composição linguística do discurso); *memoria* (memorização do discurso, na medida em que deveria ser proferido de viva voz.); *actio et pronuntiatio* (momento em que o orador se apropria do discurso, recorrendo principalmente ao corpo, ao gesto, à voz (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 135). Marcuschi (2003, p. 1-2), após reflexão, posiciona-se dizendo que a *dispositio* e *elocutio* são relevantes à organização do texto, mas a *memoria*, a *actio* e a *pronuntiatio* não o são. Essa posição estabelece sutilmente um liame com o formalismo “[...] que não considera a fala como um objeto de estudo legítimo [...]”. Por exemplo, “estão excluídos da agenda da pesquisa linguística diferenças na qualidade de voz, expressões faciais, direções do olhar, gestos manuais e todas as estratégias improvisadas pelos participantes para tornar a interação bem-sucedida” (MCCLEARY; VIOTTI, 2017, p. 178).

Em contrapartida aos primeiros estudos de Marcuschi (2003), Fávero e Koch (1983, p. 25) posicionam-se:

[...] em um sentido amplo, designando toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema etc.), e, em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada [...].

Após mencionar Marcuschi (2003), Fávero e Koch (1983), mentores da LT no Brasil, observa-se que, a partir desses excertos textuais ilustrados, os mesmos apresentam posições ligeiramente diferentes em relação às inquirições da LT, mas não antagonicas, como se verifica.

Quanto a Fávero e Koch (1983), nas primeiras caminhadas da LT, desenvolvem uma proposta na concepção de texto, envolvendo de modo substantivo signos verbais e signos não verbais, porém as suas análises excluem os signos não verbais, sobretudo no processo ligado à referenciação. Marcuschi (2008, p. 80), por outro lado, afirma que “o

texto é construído numa orientação de multissistemas, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos, como não-linguísticos no seu processamento (imagens, música) e o texto se torna em geral multimodal”, assertiva que o coloca em uma abordagem teórica mais discursiva, visto que demonstra reconhecer o signo não verbal no processamento textual.

Verifica-se, assim, que a LT mobiliza diferentes posições teóricas um pouco conflitantes que não podem ser omitidas. E essas visões conflitantes pesam nas suas análises que, na tradição, excluem, por exemplo, os signos não verbais do processo de referenciação, embora alicerçadas em princípios discursivos que ultrapassam o código linguístico. Entretanto, há autores que asseveram que não houve a referida exclusão, porém parece não haver trabalho que conceba a referenciação semiotizada, categorizando, de modo objetivo, os signos não verbais como anáforas e âncoras textuais semiotizadas. Assim sendo, talvez seja possível dizer que, tradicionalmente, a LT limitou-se ao código verbal, excluindo os signos não verbais do processo de referenciação, restrição considerada por Heine (2018) como o erro clássico da linguística textual, visto que essa ausência encontra-se presente em todas as suas fases, inclusive no sociocognitivismo-interacionista. Essa lacuna, embora não seja reconhecida por muitos estudiosos, há alguns teóricos que fazem críticas ao próprio desenvolvimento da LT:

Há, por outro lado, revisões que mantêm em grande parte o conceito e os critérios de delimitação do texto presentes em Halliday e Hasan (1976): mantêm a superfície textual como objeto de análise e procuram reformular o conceito de coesão e complementá-lo com outros da mesma natureza igualmente formal. Essa tendência está presente nos trabalhos de Koch, Fávero, de Beaugrande e Dressler [...] (COSTA, 2000, p. 35).

Fazer referência a Halliday e Hasan (1976) é, sem sombra de dúvida, destacar a clássica obra sobre coesão textual, voltada para a tessitura do texto. Porém, Costa (2000) os menciona para criticá-los por conta do seu pendor formalista, mas ainda assim, eles estão presentes quase que de modo ubíquo na LT. O sociocognitivismo-interacionista, embora tenha se debruçado sobre uma perspectiva social de cunho cognitivo, ainda recorre ao cotexto para explicar as denominadas anáforas indiretas, bem como o contexto linguístico, o que não é salutar para a LT nessa fase:

As *anáforas indiretas* caracterizam-se pelo fato de não existir no co-texto um antecedente explícito, mas, sim, um elemento de relação, que se pode denominar *âncora* e que é decisivo para a interpretação (KOCH; ELIAS, 2006, p. 128, grifo do autor).

O contexto, portanto, é indispensável, para a compreensão e, desse modo, para a construção da *coerência textual*. Da forma como é entendido, o contexto engloba não só o *co-texto*, como também a *situação de interação imediata*, a *situação mediata* (entorno socio-político-cultural) e o *contexto cognitivo dos interlocutores* (KOCH; ELIAS, 2006, p. 63, grifo do autor).

Após essas duas citações, é pertinente desenvolver, ainda que sucintamente, uma reflexão sobre o que se entende por cotexto e contexto. Para tanto, leia-se:

Uma noção muito importante desenvolvida por Harweg é a distinção entre *texto êmico* e *texto ético*, termos cunhados a partir da distinção do tipo fonético e fonêmico, já proposta por Pike; o texto *êmico* é aquele que se realiza na sua relação de imanência do sistema do texto em si (que Petöfi caracterizará como sendo o nível da *cotextualidade*). O texto *ético* é o que se realiza situativamente e se define na contextualidade, envolvendo por exemplo o título, o nome do auto, a data, o local e outros elementos. (MARCUSCHI, 2003, p. 24).

Nesse sentido, a noção de cotexto alinha-se à imanência do sistema linguístico, ligando-se eminentemente ao estruturalismo saussuriano que se manifesta, dentre outras propriedades, através do princípio da autonomia (BORGES NETO, 2004, p. 101), significando que a língua será estudada e analisada sem referência a fatores externos a ela mesma. Daí o porquê de Marcuschi (2003, p. 02) asseverar que o *cotexto* trata apenas do sentido literal textual; porém de acordo com Koch e Elias (2006, p. 59-60), o *cotexto* refere-se ao entorno verbal, texto enquanto materialidade linguística, ou seja, o seu contexto linguístico. Já o *contexto* diz respeito à interpretação centrada nos aspectos extralinguísticos, isto é, [...] “a situação de interação imediata, a situação mediata – entorno sócio-político-cultural – e o contexto cognitivo dos interlocutores” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 63). Esses dois conceitos parecem ter o dom da ubiquidade, pois eles estão presentes em quase todos os momentos da LT; porém, nós os entendemos como uma pedra no caminho da LT, na medida em que estabelecem um hiato entre a materialidade linguística e o contexto extralinguístico, o que pode possibilitar ainda a manutenção do texto enquanto materialidade, e a ele se acrescenta o contexto extralinguístico, postura teórica que macula a acepção de texto enquanto evento dialógico, porque o texto “[...] só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2010, p. 274), o que se quer dizer que o texto nasce das entranhas dos diferentes campos da atividade humana, sendo impossível dicotomizá-los. Analisar, por exemplo, uma anáfora associativa a partir do liame cotexto e contexto facilita conceber o contexto apenas um apêndice cotextual.

Diante do exposto, estamos, há cerca de dez anos, sugerindo uma nova fase da LT que seja eminentemente discursiva, pois ainda se presenciam, no sociocognitivismo-interacionista, resquícios das suas primeiras fases que não devem ser contemplados hodiernamente. Um exemplo categórico desses resquícios diz respeito à tese de que o “princípio de aceitabilidade como a contraparte da intencionalidade” (KOCH, 2015, p. 51), presente em quase todas as suas fases; tese longínqua da LT que macula o sujeito, tornando-o relativamente submisso às intenções do seu interlocutor, além de estabelecer uma relação biunívoca entre intencionalidade e aceitabilidade. Em se tratando de Bakhtin

(2010), não é possível aceitar essa tese de passividade, em função do seu arcabouço teórico, que postula, dentre outros, um sujeito com sua atitude responsiva, pois “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2010, p. 271). Nega-se, por outro lado, a referida relação biunívoca, por entender que a intencionalidade, sem nenhum aprofundamento filosófico, é um traço inalienável à singularidade do sujeito dialógico.

A partir desse cenário, pretende-se discutir, conforme Heine, a instauração de uma nova fase da LT, denominada provisoriamente de “Fase Bakhtiniana da LT”, cujas ideias se apoiam no projeto de releitura da LT da signatária, que nos conduz a uma nova fase dessa vertente linguística alicerçada em algumas das ideias bakhtinianas:

- “[...] a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar.” (BAKHTIN, 1997, p. 124). Bakhtin debruça-se sobre a linguagem viva, oriunda das práticas sociais, munida de entonações ideológicas; daí não ser viável dicotomizar co-texto e contexto;
- reconhecer os signos semióticos não verbais ao lado dos verbais como elementos constitutivos do texto, atuando, de modo claro, nos processos de coesão e coerência textual. Daí a necessidade de ampliar a noção de referenciação para referenciação semiotizada, bem como registrar que, para processar a coerência, é preciso levar em conta os signos não verbais como um dos seus principais fatores;
- explicar que o sujeito é social, mas também esclarecer que ele é responsivo, ideológico, ativo, sujeito concreto das práticas sociais, que se constrói eminentemente a partir de vozes diversas;
- explicar o que se entende por ideologia que, consoante o lastro bakhtiniano, o socioideológico e o individual não se encontram dicotomizados, pelo fato de se depreender no seu sujeito “um querer dizer com ampla influência na formação do enunciado” (MAGALHÃES, 2003, p. 81);
- expurgar certos conceitos tradicionais da LT, que, a título de exemplo, menciona-se a tese de que a aceitabilidade é a contraparte da intencionalidade;
- considerar, nas análises da LT, o contexto imediato e o contexto mediato, em geral ausentes nos seus trabalhos, apesar de estarem presentes na literatura dessa vertente linguística.

A Fase Bakhtiniana, apesar de concordar com as diversas acepções de texto presentes na LT – que o concebem enquanto processo, e não produto – sugere outro conceito para tentar contemplar algumas das suas lacunas:

Considera-se o texto como evento dialógico, semiótico, falado, escrito, abrangendo, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc). Assim compreendido, o texto pode constituir-se da linguagem verbal, ou da linguagem verbo-visual, ou ainda da linguagem não verbal, bem como de aspectos histórico-ideológicos, caracterizados pelo processamento de sentidos inferenciais. (2020.2) (HEINE, 2018, p. 18-19).

Alguns pesquisadores podem considerar que o referido conceito de texto não apresenta a rigor nenhuma novidade conceitual, porém, defini-lo como um evento dialógico, talvez elimine dúvidas **históricas da linguística** – ou talvez preencha discussões que circulam no campo do estudo do texto sob a perspectiva da LT. À vista disso, a seguir, apresentam-se alguns liames que se estabelecem, ainda que de modo sucinto, com as ideias bakhtinianas:

- O texto enquanto evento dialógico alinha-se indubitavelmente ao princípio do dialogismo inerente ao ato de linguagem enquanto prática social, que representa uma revolução bakhtiniana, pondo em discussão a monologia em qualquer forma que se apresente, e coloca em questão os valores da alteridade e não os do “EU” (SOBRAL, 2007, p. 86). (HEINE, CRISTO, NEIVA, ALVAREZ, 2014, p. 59);
- O texto enquanto evento dialógico é uma entidade ideológica porque “[...] só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em formas de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir” (BAKHTIN, 2010, p. 274). Na tradição, a ideologia aponta para o social, excluindo o individual, como é o caso da análise de discurso pecheutiana; mas, para Bakhtin, a ideologia permite que o social, o histórico e o individual se entrelacem mutuamente. (HEINE et al., 2014, p. 60);
- Por último, privilegiam-se os signos não verbais, considerando-os elementos constitutivos do texto. O imperativo maior, sem dúvida, foi a necessidade de reconhecê-los como um dos fatores da coerência textual, bem como âncoras textuais e anáforas semiotizadas. A LT sempre demonstrou tradicionalmente um pendor acentuado para os signos não verbais; contudo, não se está afirmando que, nos últimos 15 anos, não há pesquisas que os valorizem, mas esses trabalhos não os categorizam precisamente (HEINE et al., 2014, p. 60).

As questões anteriormente focalizadas são tratadas pela LT de modo acanhado, e isso pode levar os nossos alunos, bem como docentes do ensino fundamental e ensino médio a dúvidas históricas quanto à conceituação de texto presentes na LT.

Para tentar minimizar a lacuna ligada ao pendor da LT para o trabalho com os signos não verbais, Heine (2015) sugere ampliar a noção de referência, denominando-a “referência semiotizada”, apoiando-se na concepção de texto como evento dialógico, linguístico-semiótico. A referência semiotizada representa um passo substantivo da LT, haja vista excluir, de forma incisiva, a possibilidade de conceber o texto, apenas centrado no código verbal.

Consoante à referência semiotizada, os elementos de coesão, que processam a tessitura textual – anáforas, catáforas, âncoras referenciais, dêiticos discursivos etc. –, efetivados, na sua abordagem clássica, por meio de expressões linguísticas – substantivos, pronomes, advérbios, conjunções, dentre outras –, podem também ocorrer por meio de signos não verbais, realizados por ícones, símbolos, índices etc.

A seguir apresentamos um exemplo, extraído de Alpino (2013), que se refere à polêmica em que o deputado federal Marco Feliciano (PSC-SP), pastor da Catedral do Avivamento, se envolveu por conta de posicionamentos preconceituosos. Ele foi acusado dos crimes de estelionato, racismo e homofobia em função das suas críticas à homossexualidade e às religiões de matrizes africanas (PESTANA, 2018). Contudo, para defender-se dessa acusação, Feliciano negou ter tais atribuições, cenário que foi captado pelo chargista Alpino¹, conforme Figura 1.

Figura 1 – “A mídia diz que sou racista”



Fonte: Alpino (2013).

¹ . Agradeço profundamente ao chargista Alpino pela concessão de uso da sua charge no meu texto. Peça-lhe a Jesus Cristo que o projeta de todos os males, permitindo-lhe que alcance todos os seus sonhos. Muiíssimo obrigada.

Nessa ilustração, temos um texto constituído, na sua superfície textual, de signos verbais e signos não verbais. Dentre os elementos verbais, destacam-se: “A mídia diz que eu sou racista, estelionatário, polêmico e homofóbico...” e “Isso é mentira... nunca fui polêmico...”. Inicialmente, consideremos o demonstrativo “isso” que, nesse texto, realiza-se como anáfora encapsuladora, entendida como “uma expressão que sumariza informações-suporte contidas em segmentos precedentes do texto, encapsulando-as sob a forma de uma expressão nominal e transformando-se em objetos de discurso” (KOCH, 2004, p. 70). Nesse caso, apoiada na abordagem clássica da LT, essa anáfora encapsularia principalmente a expressão: “A mídia diz que sou racista, estelionatário, polêmico e homofóbico”. Porém, a partir da referenciação semiotizada, o demonstrativo “isso” ocorre igualmente como uma anáfora encapsuladora, mas tendo como texto precedente não somente os elementos verbais, mas também os não verbais – a imagem do homem com o capuz branco, as diferentes cores, o púlpito, o microfone etc. –, bem como a mobilização de pistas sócio-históricas e do conhecimento de mundo, que proporcionam sua construção do sentido do texto, sobremaneira o posicionamento socioideológico do pastor Marco Feliciano.

Destaca-se, ainda, o capuz utilizado pelo político, que parece funcionar por meio de duas estratégias coesivas. No primeiro caso, sugerimos que ele funciona como uma âncora textual icônica, sendo prospectiva porque avança conhecimentos sobre a seita racista *Ku Klux Klan*, cujo lastro textual focaliza a história desse grupo fundado em 1865 nos Estados Unidos da América (EUA), formado por membros racistas que se vestiam com roupas brancas e capuzes, objetivando perseguir os negros, e também os brancos que os protegiam, tendo como tese a ideologia da supremacia do homem branco. No segundo caso, temos uma anáfora semiotizada, não correferencial (HEINE, 2001), pois apresenta como traço singular e definitório a possibilidade de não remeter a dados do código linguístico, pelo fato de processar, para a sua efetivação, o conhecimento de mundo partilhado, dando-nos condição de mobilizar pistas inferenciais sócio-históricas para processarmos o sentido do texto em análise.

Após essa análise que sugere a ampliação da referenciação para referenciação semiotizada, propondo que os signos não verbais à semelhança dos signos verbais exerçam também funções coesivas, talvez seja pertinente tecer algumas considerações. É possível que certos pesquisadores ainda não aceitem que os elementos imagéticos, vistos indubitavelmente como sócio-históricos, também funcionem como âncoras textuais, anáforas, dêiticos etc. Esse posicionamento pode ser explicado pelo fato de a linguística, por conta dos seus princípios científicos, ter silenciado trabalhos da Antiguidade Clássica ligados aos signos não verbais que, a título de ilustração, mencionam-se Marcus Tullius

Cícero (106 a 43 a.C.), que investigou os gestos e as expressões faciais em seus tratados sobre a arte da oratória e Marcus Fabius Quintilianus (30 a 95 d.C.), cuja obra discutiu sobre os gestos da época (apud PEREIRA, 2010). Com isso, não estamos menosprezando a ciência linguística, mesmo porque a efervescência da sua caminhada durante o século XX e as pegadas dos primeiros vinte anos do século XXI, têm demonstrado que ampliou os seus estudos, pondo em foco não somente pesquisas formalistas, mas também funcionalistas e ideológico-discursivas, que “buscam estudar a mais humana e essencial de todas as cognições: a linguagem” (FRANÇA; FERRARI; MAIA, 2016, p. 19), porém, ainda assim, na nossa percepção, há, na sua magnitude, uma lacuna substantiva relativa aos estudos dos signos não verbais, “elementos que coocorrem com a fala e que são parte do processo semiótico on-line que acontece durante a interação comunicativa” (MCCLEARY; VIOTTI, 2017, p. 178).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa proposta de sugerir uma nova fase da LT apoia-se nas inquirições de alunos e docentes do ensino fundamental e do ensino médio, em geral, de cursos de especialização, oferecidos pela UFBA, entre 2002 e 2013. Dentre as perguntas, destaca-se: “- *professora, é correto, nas histórias em quadrinhos, eu considerar texto apenas o código verbal?*” Os questionamentos dos docentes incendiam aos signos não verbais, porque na maioria dos livros didáticos, a noção de texto ainda parece estar presa ao formalismo, que o concebe apenas enquanto materialidade linguística, excluindo, quando trabalham, por exemplo, com um gênero discursivo propaganda (comumente constituído do código não verbal), as entidades não verbais, pois, os livros, ao tecerem considerações sobre o texto, o fazem referindo-se à imanência do sistema linguístico. Diante desse quadro de inquirições dos alunos, achamos prudente, a fim de responder a essa questão, investigar as propostas da LT, por constituir-se ramificação da linguística, que tem como objeto de estudo o texto. Para tanto, realizamos uma pesquisa nas suas diferentes fases, abarcando desde o momento transfrástico até a perspectiva sociocognitivo-interacionista, para tomarmos uma posição mais sólida sobre a pergunta supracitada.

Após processarmos essa busca, chegamos à conclusão de que a LT não se debruçou nos signos não verbais, uma vez que, nas suas análises, não há referência dos mesmos nos processos de referenciação. Essa revisão trouxe também sutis dados formais à discussão, que merecem registro: análise textual ainda presa ao contexto linguístico *stricto sensu*, em virtude de suas explicações relativas às anáforas indiretas, ainda recorrerem ao cotexto; ausência dos aspectos socioideológicos nas suas análises; repetição contínua

de algumas estratégias da tessitura textual, a exemplo do enfoque dos princípios de textualidade, que vem sendo interpretado sempre do mesmo modo, independentemente da fase a que se está trabalhando (KOCH, 2004, 2010; MARCUSCHI, 2008).

Daí, a nossa proposta de ampliar a noção de referenciação para referenciação semiotizada, pautada conseqüentemente na Fase Bakhtiniana, e, assim procedendo, respondemos à pergunta feita pelos docentes dos referidos cursos de especialização da UFBA, deixando claro que os signos não verbais são também constitutivos do texto. Contudo, é preciso frisar que o nosso objetivo é tornar a LT mais discursiva, tendo como alicerce as suas valiosas contribuições para o ensino-aprendizagem do texto em sala de aula. Ressaltamos, por outro lado, que o devir científico, movimento permanente, inerente à ciência que busca o seu aprimoramento com vistas à produção de novas ideias, é fulcral ao desenvolvimento das ciências como um todo, e, no caso da LT, é de suma importância visto que o seu objeto de estudo, o texto, encontra-se se metamorfoseando, face à sua manifestação sincrética nas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ALPINO. Sob críticas, pastor Marco Feliciano é eleito presidente da Comissão de Direitos Humanos. **Yahoo Notícias**, [s. l.], 8 mar. 2013. Disponível em: Acesso em: 13 jul. 2020.

ALVES, M. de F. Cognição na perspectiva social: um dos temas centrais da Linguística no século XXI. **Língua, Linguística e Literatura**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 49-60, 2005.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. Tradução Michel Lahud e Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec Editora, 1997.

BAKHTIN, M. *Estética da criação textual*. 5. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1, p. 101-142.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução Fabiana Komesu. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CHOMSKY, N. A. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Tradução José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Armênio Amado Editor, 1965.

COSTA, I. B. Cadeias referenciais no português falado. **Organon: revista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 28/29, p. 33-54, 2000.

FÁVERO, L. L.; KOCK, I. G. V. **Linguística textual: introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.

FRANÇA, A. I.; FERRARI, L.; MAIA, M. **A linguística no século XXI: convergências e divergências no estudo da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2016. 224p.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

- HEINE, L. M. B. Análise do discurso. *In*: SANTOS, E. (org.). **Discursos e poderes: linguagem, teorias e análises**. Salvador: Edufba, 2018. p. 191-210.
- HEINE, L. M. B. **Aspectos do uso da anáfora no português oral**. 2001. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- HEINE, L. M. B. Aspectos da perspectiva funcionalista da análise linguística. *In*: HEINE, L. M. B.; HEINE, P. (org.). **Questões do texto e do discurso**. Salvador: UFBA, 2011. p. 13-60.
- HEINE, L. M. B. A referência sob a perspectiva do texto como evento linguístico-dialógico. *In*: MADUREIRA, A. L. G.; SOBRAL, G. N. T.; ALVAREZ, P. B. H. (org.). **Fenômenos Discursivos: da palavra ao corpo**. Salvador: Eduneb, 2019. p. 89-106.
- HEINE, L. M. B. *et al.* (org.). **O texto no livro didático: reflexões e sugestões**. Salvador: UFBA, 2014.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Contexto, 2004.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Contexto, 2015.
- KOCH, I. G. V. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- KOCH, I. G. V. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-299.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- LEITE, M. A.; MARTINS, R. Referênciação. **Cadernos CESPUC**, Belo Horizonte, n. 23, p. 43-48, 2013.
- MAGALHÃES, B. O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 3, p. 73-90, 2003. Edição Especial.
- MARCUSCHI, L. A. **Curso de linguística de texto**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado em Letras e Linguística, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C. Fundamentos para uma semiótica de corpos em ação. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Novos caminhos da linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 171-194.
- MONDADA, L. Cognition et parole-en-interaction. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 9-27, 2002.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referênciação. *In*: CAVALCANTI, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). **Referênciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et categorisation. *In*: BERRENDONNER, A; REICHLER-BÉGUELIN, M. (ed.). **Du syntagme nominal aux objets-de-discours: SN complexes, nominalisations, anaphores**. Suisse: Institut de linguistique de l'Université de Neuchatel, 1995. p. 273-302.

NEIVA, N. C. **Aspectos dialógicos da coerência textual**: uma análise das atividades de compreensão em livros didáticos. 2015. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

PESTANA, V. **Referenciação na prática de leitura e interpretação dos gêneros discursivos charge e propaganda**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 14, 16, 17, 18, 20, 36, 37, 40, 41, 45, 47, 49, 50, 78, 86, 87, 89, 92, 94, 222,
Argumentação 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 251, 252
Arte 22, 26, 27, 28, 30, 32, 36, 53, 61, 105, 136, 151, 152, 157, 163, 221, 258, 262
Avaliação 1, 2, 3, 11

B

Blog 22, 45, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

C

Câmara Cascudo 123, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136
Classificação e construção 96
Colaborativa 21, 22, 24, 69, 86, 91
Combinações sintagmáticas 193, 194, 200
Crioulo cabo-verdiano 225, 226, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 236, 237
Cultura 5, 9, 10, 17, 26, 27, 28, 30, 36, 44, 57, 61, 64, 78, 79, 82, 85, 92, 125, 129, 130, 131,
134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 148, 149, 157, 162, 163, 210, 224, 225, 226, 227,
228, 229, 232, 234, 236, 237, 238, 242, 255, 263

D

Dialogismo 74, 81, 84, 205, 218
Diário 25, 29, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 258, 259, 262

E

Educação feminina 253, 258
Elementos neoclássicos 165, 166, 167, 168, 172, 173
Enfoque 71, 77, 151, 152, 205, 208, 212, 213, 222
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 36,
37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 62, 63, 64, 69, 70, 73, 74, 78, 81, 84, 86, 87,
88, 89, 94, 110, 122, 173, 190, 219, 221, 222, 234, 237, 238, 251, 255
Escrita feminina 112, 253
Estesiológica 25, 28, 36
Estilo 20, 74, 81, 84, 96, 97, 100, 108, 133, 242, 243
Estratégias argumentativas 240, 244, 246, 249

Experiencia 3, 18, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 42, 49, 50, 51, 68, 78, 106, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 151, 152, 153, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 228, 253, 261, 263

F

Facebook 22, 110, 111, 118, 119, 120, 121, 122

Fanfictions 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84

Formação de palavras 165, 166, 167

Frases idiomáticas 2, 9

G

Gastronomia 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Gêneros textuais 19, 44, 45, 51, 66, 69, 96, 110, 112, 117, 122, 189

Grafema-fonema 175, 176, 177

H

Hermenêutica 151, 152, 153, 156, 158, 160, 161, 162, 164

I

Internet 20, 45, 48, 49, 50, 56, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 95, 108, 110, 111, 112, 115, 116, 120, 121, 169, 189, 205, 206, 242

L

Leitura 20, 22, 27, 43, 44, 45, 51, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 90, 110, 111, 113, 116, 120, 124, 175, 177, 178, 181, 185, 189, 190, 224, 239, 251, 259, 264

Leitura e escrita 44, 74, 77, 78, 81

Letramento digital 14, 16, 20, 21, 24, 38, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 86, 87, 89, 93, 94

Libras 138, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Linguagem 4, 5, 9, 12, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 28, 44, 72, 86, 88, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 108, 111, 113, 116, 117, 119, 120, 126, 135, 136, 139, 140, 141, 174, 178, 185, 193, 194, 195, 200, 205, 206, 209, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 221, 222, 223, 225, 229, 238, 242, 244, 246, 247, 251

Língua minoritária 225, 229

Língua oficial 6, 7, 225, 229, 233, 236

Língua Portuguesa 1, 2, 5, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 51, 62, 64, 73, 95, 110, 137, 139, 142, 147, 169, 173, 174, 175, 179, 190, 198, 212, 230, 233, 234, 235, 236, 238

Linguística Textual 62, 64, 71, 73, 126, 136, 205, 209, 215, 222, 223, 251

M

Mediatização 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61

Metáfora 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 212

Morfologia 8, 149, 165, 166, 173, 180, 182, 204

Multiletramentos 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24

N

Narratividade 53, 54, 57, 58, 60

Nísia Floresta 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263

Nordeste 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 152, 164, 254

P

Padrões formativos 192, 193, 194, 202

Parâmetros Curriculares Nacionais 62, 63, 64, 65, 70, 73

Petições iniciais 240, 241, 242, 243, 247, 250, 251

Português brasileiro 136, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 189

Português Europeu 2, 6

Processos educativos 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Profissionalização 38, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 50, 51

R

Referenciação semiotizada 205, 206, 208, 213, 214, 215, 217, 219, 220, 222

Representações discursivas 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 137

Rupturas 38, 59, 111, 259

S

Semiótica 16, 17, 22, 53, 54, 86, 88, 91, 95, 140, 223

Sílaba 19, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 189

T

Teatro 12, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Terminologia 107, 169, 193, 195, 198, 203, 204

Texto 5, 7, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 40, 44, 47, 48, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 86, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 108, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 135, 136, 137, 145, 146, 149, 152, 157, 175, 176, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 189, 191, 196, 197, 205



**EDITORA
ARTEMIS**